



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale
<b>Título</b>	A psicanálise como campo ético-político: articulações entre adolescência, socioeducação e o tema do testemunho
<b>Autor</b>	STÉPHANIE STRZYKALSKI E SILVA
<b>Orientador</b>	ROSELENE RICACHENEVSKY GURSKI

## **A psicanálise como campo ético-político: articulações entre adolescência, socioeducação e o tema do testemunho**

**Autora:** Stéphanie Strzykalski (UFRGS) **Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Rose Gurski (UFRGS)

O presente estudo, inserido no NUPPEC (Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura), partiu de uma experiência de pesquisa-extensão com um grupo de adolescentes acautelados em uma instituição socioeducativa da cidade. Através das chamadas *Rodas de R.A.P (Ritmos, Adolescência e Poesia)*, passamos a ofertar um dispositivo de escuta, baseado na livre circulação da palavra, em conjugação com narrativas musicais demandadas pelos meninos, especialmente do gênero de *rap* e *funk*. Às oficinas, coube tentar articular e problematizar aquilo que ia se produzindo no discurso dos jovens a partir do encontro entre as músicas e os variados aspectos de suas vidas. Os operadores metodológicos que sustentaram a intervenção situam-se no enlace feito entre a ética psicanalítica e os efeitos ético-metodológicos extraídos do tema da experiência em Walter Benjamin. Compõe os materiais de registro da pesquisa: os *diários de experiência*, um compilado escrito inspirado na associação livre acerca das vivências, experiências e reflexões das oficinas que acompanharam as Rodas; as construções teóricas feitas a partir da leitura-escuta da bibliografia selecionada em relação ao campo de investigação; e as elaborações surgidas durante as discussões do Grupo de Pesquisa. Ao longo do percurso com as *Rodas*, as oficinas perceberam que, seguidamente, os adolescentes demandavam músicas que versavam sobre as mais diferentes facetas da violência presentes em seus cotidianos. Uma delas, tratada, sobretudo, pelas músicas de *rap*, referia-se às abordagens policiais violentas em sua dupla dimensão – física e psicológica. A partir desse movimento, fomos observando que alguns meninos passaram a tomar a palavra na tentativa de construir narrativas que pareciam buscar dar conta de episódios vividos em contextos similares àqueles das narrativas musicais. É interessante sublinharmos que as vivências que tornavam a (re)aparecer com frequência nas *Rodas* – tanto na escolha das músicas, quanto na própria fala dos adolescentes – não costumavam surgir em outros espaços da instituição socioeducativa. Segundo os jovens, isso acontecia em razão deles não se sentirem à vontade para falar, uma vez que, em relação aos policiais, por exemplo, diziam claramente que “sua palavra não tinha valor”. Diante disso, inquietou-nos pensar que, em pelo menos três encontros distintos, um dos jovens contou sobre as severas agressões que sofreu quando foi apreendido. Diante da crueza das histórias compartilhadas por eles, levantamos algumas interrogações: **o que ofereceu condições de possibilidade para que, nas Rodas de R.A.P, circulassem narrativas de violência das quais os adolescentes foram, em um dado momento, também objetos? Podemos considerá-las experiências de testemunho, ou seja, um modo de narrar singular que busca, através do compartilhamento das vivências, a produção de sentido no campo da linguagem frente ao traumático?** Entendemos que as *Rodas de R.A.P* caracterizaram-se enquanto um dispositivo que tem a potência de ir, justamente, na contramão do apagamento, da omissão e do “esquecimento” dessas narrativas em que os adolescentes encontraram-se, por vezes, tão próximos da dimensão da morte. Nesse sentido, parece que o dispositivo das *Rodas* pôde operar como uma fenda no dia-a-dia da instituição socioeducativa, possibilitando aos adolescentes sentirem-se autorizados e convocados a ousarem enunciar, na fala e em uma dimensão coletiva, aquilo que há de intransmissível no encontro com a violência. A fim de oferecermos uma contribuição ao campo que pretende conjugar Psicanálise e Socioeducação, apostamos na elaboração de articulações entre adolescência em conflito com a lei, a potência revolucionária da psicanálise como campo ético-político e o tema do testemunho enquanto a possibilidade de criação de uma narrativa que procura dar palavra àquilo que insiste como resto de real, especialmente depois da vivência de situações de violência.